



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**GIANCARLO CASTEGLIANI**

**(ENTREVISTA)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-791

**Entrevistado:** Giancarlo Castegliani

**Nascimento:** 06/10/1954.

**Local da entrevista:** Brasília, DF

**Entrevistadora:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos

**Data da entrevista:** 18/05/2017

**Transcrição:** Marcus da Silva Dorneles.

**Pesquisa:** Suellen dos Santos Ramos

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 13 minutos e 52 segundos

**Páginas Digitadas:** 7 páginas

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação em Educação Física. e trajetória; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Implementação dos convênios de Juiz de Fora, Minas Gerais; Atividades desenvolvidas; Importância do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Relação com outros programas sociais; Capacitação; Atuação como coordenador geral.

Brasília, 18 de maio de 2017. Entrevista com Giancarlo Castegliani a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Giancarlo, primeiramente agradeço por ter nos concedido a entrevista e para começar eu gostaria que você falasse sobre a sua formação e sua trajetória.

G.C. - Eu sou professor de Educação Física, formado em 1982 pela Universidade Federal de Juiz de Fora e atuo desde então como professor, geralmente nas escolas públicas. Já fui concursado, sou aposentado hoje, e estou dando sequência ao meu programa de esporte que eu fui atleta [riso].

M.M. - Como iniciou seu envolvimento com o esporte e o lazer dentro da sua vida?

G.C. – O esporte e o lazer estão no nosso sangue, quem normalmente faz uma faculdade de Educação Física vivencia o esporte todos os dias, então, a gente aprende a vivenciar o esporte. Como eu disse, eu fui atleta, antes mesmo de fazer a faculdade, então, isso me levou a ter uma visão melhor do esporte e do próprio lazer também.

M.M. - E como você conheceu o PELC<sup>1</sup>?

G.C. - O PELC me foi apresentado em 2015, quando então eu era Secretário do Esporte no município, e eu dei a sequência do trabalho, e atualmente eu sou o Coordenador Geral. Desde então nós viemos tentando fazer essa implantação do PELC na minha cidade, Juiz de Fora<sup>2</sup>. Nós temos dois núcleos que estamos pleiteando a inclusão de dois núcleos do PELC lá na cidade.

M.M. - Quando que você começou a ser Secretário?

G.C. – É... Na realidade eu gostaria até de fazer uma correção, não foi em 2015, foi em 2016.

---

<sup>1</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

<sup>2</sup> Município brasileiro do estado de Minas Gerais.

M.M. – Foi nesse período que você começou a ser secretário?

G.C. –É, na realidade eu substituí o secretário. Eu sempre fui Coordenador de Projetos da prefeitura, e como o Coordenador de Projetos é a pessoa de confiança do prefeito dentro da Secretaria, então quando há um impedimento do Secretário, ou quando o Secretário sai para disputar algum espaçamento é o Coordenador de Projetos que assume essa condição. Então como Secretário eu dei sequência ao PELC que estava paralisado. Que tinha muitos procedimentos que estavam paralisados, eu dei sequência, então, retomando agora a posição de Coordenador de Projetos já esse ano, eu fiz questão de assumir o PELC para poder dar continuidade na nossa cidade.

M.M. - Então, como você ficou sabendo do PELC, foi já dentro da sua atuação como Secretário?

G.C. - Como Secretário, exatamente.

M.M. - E aí, quando você começou a estruturação para o projeto, já estava iniciada ou vocês que construíram?

G.C. - Isso. Não, já estava iniciada, antes mesmo de eu ficar, de eu ter conhecimento, foi através de uma verba parlamentar, e a partir daí, quando me foi apresentado eu li o projeto e tal e falei: “Não, vamos dar sequência”, porque na realidade havia muitos problemas de burocracia, de papelada e tal. Falei: “Não, vamos dar sequência, que vale a pena, entendeu? Um projeto bacana”. Já que Juiz de Fora tem... Nós temos na Secretaria de Esporte, a gente tem sessenta e oito núcleos de projetos sociais que já atendem os programas para todas as idades, porque é praticamente semelhante ao PELC. Então o PELC virá nos somar, no caso dois núcleos com recompensa com várias modalidades.

M.M. - Você falou que é o Coordenador Geral do projeto, do PELC.

G.C. - Sim.

M.M. - Como é composta a sua equipe, por quem?

G.C. - Hoje a minha equipe é composta pelo Coordenador Geral, nós já contratamos o coordenador pedagógico, a interlocutora, os dois coordenadores de núcleos e os doze agentes sociais que irão dar sequência ao programa.

M.M. - Como foi esse processo de contratação dos agentes?

G.C. - Foi um pouco tumultuado, vamos dizer assim. Porque havia muito questionamento, de quem seriam os agentes sociais. Eu sempre defendi que deveriam ser pessoas da comunidade, pessoas que tem conhecimento do local, porque primeiro a gente define no plano de trabalho onde nós vamos implantar os núcleos. Geralmente em comunidades carentes, em comunidades mais afastadas, entendeu? Que não têm o acesso garantido ao esporte. Então a partir daí a gente tenta detectar pessoas da comunidade para poder trazê-las para nós, mas quando se abre o leque, porque você não pode... Você pode até sugerir que a pessoa tenha uma formação ou tenha um conhecimento, ou tenha aquele saber daquela determinada área, mas você não pode fechar, porque tem que abrir para todas as pessoas. E aí infelizmente acontece muito que profissionais, até da área de Educação Física já formados, querem o cargo de agente apesar de ser um salário relativamente baixo para um profissional da área, não para uma pessoa, um educador, um recreador ou mesmo um instrutor, que está ali para, por exemplo, uma pessoa que queira dar uma aula de artesanato, por exemplo. O salário está dentro do padrão dessa pessoa. Uma pessoa que, vamos dizer assim, não requer que tenha um conhecimento de estudo muito alto, uma escolaridade alta. Não há necessidade disso, uma pessoa de segundo grau... Uma pessoa de segundo grau com certeza dá conta de fazer isso. Então, é isso aí.

M.M. - Quais as atividades que vocês pensam em trabalhar lá?

G.C. - Nós vamos trabalhar com dança, capoeira, artesanato, jogos lúdicos e os esportes coletivos que são basquete, voleibol, futsal, o próprio futebol, natação.

M.M. - E você falou que o PELC vem para acrescentar porque ele é semelhante, parecido com alguns que já existem. Mas o que você destacaria de diferencial no PELC para a sua cidade?

G.C. – O PELC na sua essência é um programa como o próprio *slogan* diz: a cidade vai vivenciar o esporte e o esporte vai vivenciar a cidade. Então, vê que ele entra nesse sentido assim, ele vai engrandecer, ele vai dar corpo ao programa esportivo da cidade, porque a essência dele é exatamente a comunidade. No nosso caso, em Juiz de Fora, a gente tem núcleos, mas um núcleo de uma determinada modalidade esportiva. Não, o PELC não, o PELC já tem o núcleo que pode ser composto por várias modalidades, até dez, doze modalidades dentro do próprio núcleo, ou seja, dentro de uma comunidade. Então esse é o diferencial do PELC para os programas sociais que já temos lá.

M.M. - E como coordenador, quais atividades específicas que você vem atuando?

G.C. - No caso, ainda nós estamos implementando, ainda não posso dizer... Mas como coordenador, claro, eu tenho uma história, vou até fazer questão de passar para você, eu tenho uma história de programas sociais de Juiz de Fora, que em 1995 eu criei um programa chamado “Bom de bola, bom de escola”. Esse programa foi um programa para tirar as crianças da rua, para tirar as crianças de risco social e foi um programa muito bem visto pelo até pelo próprio Governo Federal, que na época o Ministro Extraordinário dos Esportes, que era o senhor Edson Arantes do Nascimento, vulgo Pelé [riso], esteve em Juiz de Fora conhecendo o programa. Ele ficou maravilhado pelo programa, trouxe uma cópia do nosso projeto aqui para Brasília, disseminou em várias cidades do Brasil, e eu acredito que tenha sido transformado no atual Programa Segundo Tempo que é exatamente a essência do Bom de Bola que eu criei lá em 1995. Então, a minha vivência nesse programa está hoje com vinte e dois anos de existência, mantenho ele em Juiz de Fora e hoje nós estamos com sete núcleos ainda atendendo a quase 2000 crianças. Só com futebol. Mas a gente tem essa situação dos outros programas sociais, de vários núcleos, vários pontos da cidade já atuando com voleibol, com basquete, com queimada, com handebol, com *badminton*, natação, caminhada, dança, capoeira, *Hapkido*, *Tae-kwon-do*, *Jiu-jitsu*, a gente tem núcleos espalhados na cidade atendendo. E o PELC vai fazer isso, só para engrandecer o programa, ele vai encorpar, ele vai atuar numa comunidade que hoje não tem essas atividades que nós oferecemos. Nós vamos aumentando a nossa área de ação na cidade. Essa é a verdade.

M.M. - E vocês vão começar com o PELC e com o Vida Saudável ou só com o PELC?

G.C. - Só com o PELC por enquanto. O Vida Saudável é uma proposta também porque nós temos demanda para o Vida Saudável. Nosso PELC hoje vai atender crianças de dois a oitenta anos. Então a gente não vai discriminar, até pelo contrário, a gente tem muito também o que receber lá em Juiz de Fora. A gente tem um programa na nossa Secretaria que é o Juiz de Fora Paraolímpico que atende aos portadores de necessidade. A gente foi na cidade bem estruturada na área esportiva.

M.M. - Você pode falar um pouco sobre a região, não só pela parte esportiva, mas como ela é vista quanto à questão mesmo social e outros aspectos?

G.C. - Juiz de Fora é uma cidade que hoje está em torno de seiscentos habitantes, é uma cidade que tem uma qualidade de vida muito boa, o nosso índice de violência lá é muito baixo, as pessoas lá convivem bem, a gente tem a parte esportiva, a gente tem clubes disputando campeonatos brasileiros. Nós temos voleibol também que é um voleibol de superliga, e além do mais, a gente tem várias atividades turísticas, culturais, somos uma cidade que se preza muito o seu valor histórico, que foi uma das cidades pioneiras no Brasil na parte... Foi a primeira cidade a ter iluminação elétrica no Brasil, então, tem um parque industrial muito bom, e é isso, a gente faz uma cidade muito gostosa de se morar, de se viver e de se trabalhar também.

M.M. - E pensando nesse trabalho que vocês já estão com o PELC iniciando, quais foram as dificuldades até o momento encontradas?

G.C. - As dificuldades exatamente são as dificuldades burocráticas, não é? De inserção no SICONV<sup>3</sup>, de detalhamento mesmo do plano de trabalho, que a gente tem... Tínhamos algumas dificuldades do nosso concurso, agora, muita coisa foi sanada. Ainda haverá algumas dificuldades até finalizar a ordem de início. Mas a gente vai transpor essa barreira com certeza.

M.M. - E, na sua opinião, teria como qualificar mais ainda esse programa?

---

<sup>3</sup> Sistema de Convênios do Governo Federal.



G.C. - Qualificar mais?

M.M. - O que falta nele?

G.C. - Eu acredito que sim. O curso de capacitação é curto, ele deveria ser mais abrangente, mais detalhado. Ele, assim, é bom, mas está sendo passado. Ele poderia ter sido de uma duração, de repente, de mais um dia de atividade, entendeu, mais prática. Que teve muita teoria, mas sem prática. A prática foi só do programa MIMBOÉ<sup>4</sup>, entendeu, que já é um programa da antiga SNELIS<sup>5</sup>, que é praticamente a mesma plataforma, porém poderia passada para a gente mais a parte prática que é o que demanda, principalmente o Coordenador Pedagógico e o interlocutor do SINCONV. O Coordenador Geral não, porque na verdade o Coordenador Geral é o que vai comandar as ações, ele vai passar as demandas para o Coordenador Pedagógico e o interlocutor e os coordenadores de núcleo.

M.M. - Nesse processo da estruturação do PELC e daquilo que já foi encontrado, você poderia comentar alguma experiência diferente quanto a outros envolvimento com outros programas até o momento?

G.C. - Bom, eu como Coordenador de Projetos, para mim fica até muito tranquilo falar, a gente tem praticamente os mesmos objetivos, a gente sempre traça os mesmos objetivos quando a gente vai fazer a estruturação, pesquisa, entendeu? Pesquisa de local, pesquisa de população que nós vamos atender. Então, essa parte estrutural, ela é praticamente, vamos dizer assim, ela é igual para todos os tipos de programas que a gente aplica, não importa se é PELC, se é o programa Bom de Bola ou se é um núcleo para a natação. A gente sempre tem que fazer essa estruturação para que dê certo, porque se não... É planejamento, tudo é questão de planejamento.

M.M. - Tem mais alguma coisa que eu não te perguntei, mas que você acha que é muito importante de estar falando sobre o seu envolvimento com o PELC?

---

<sup>4</sup> Sistema de Monitoramento e Avaliação dos Programas Programa Esporte e Lazer da Cidade e Vida Saudável.

<sup>5</sup> Secretaria Nacional de Esporte, Lazer e Inclusão Social.

G.C. - Eu acredito que foi bem [riso]... Foi bem ampla essa entrevista.

M.M. – Muito obrigada pela entrevista!

[FINAL DA ENTREVISTA]